

# Editorial

Esta publicação, *Stylus 29*, compreende um segundo volume de textos, que continua abordando a temática “A causa do desejo e suas errâncias”, trabalhada ao longo de 2013 na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil. A escolha desse tema provou ter incentivado uma grande produção de bons trabalhos, muitos deles endereçados à *Stylus*, o que nos levou a distribuí-los em dois números, com rigor e consistência equivalentes.

Segundo anunciamos em *Stylus 28*, na qual publicamos a primeira das três conferências de Colette Soler realizadas durante o XIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, realizado no ano passado em Belo Horizonte, encontram-se, na presente edição, a segunda e a terceira dessas conferências, respectivamente intituladas de “O que resta da Infância” e “Possibilidade de uma ética não individualista da psicanálise”.

Em “O que resta da infância”, Soler tece uma aproximação entre marcas e estrutura, trazendo a questão de como, a partir das marcas do trauma, um sujeito pode chegar ao real da estrutura, propondo que existem dois tipos de real: um demonstrável enquanto impossível e um que se encontra, mas não se demonstra, e que concerne ao real da repetição e da letra do sintoma. Introduce a ideia, que desenvolverá na terceira conferência, de que a ética do sujeito é como cada um responde ao real que se encontra, questionando se uma psicanálise pode mudar a opção ética de um sujeito.

Na terceira conferência – “Possibilidade de uma ética ‘não individualista’ da psicanálise” –, Soler dá sequência às reflexões a respeito da ética, contrapondo uma ética individualista à ética psicanalítica, que é fundamentada na unaridade do falasser. Por meio das asserções “Não há relação sexual” e “Não há relação social”, a autora contrasta psicanálise e capitalismo, ressaltando, no entanto, que o capitalismo é condição de existência da psicanálise.

Na seção Ensaio, encontramos dispostos cinco textos, e quatro deles confirmam o quanto psicanálise e psicanalistas referenciam-se, dialogam e aprendem, deixando-se afetar pelo fazer e mostraçãõ artística, enriquecendo assim seus argumentos teóricos e clínicos.

No primeiro texto dessa seção – “Na mansão do dito imaginário: *opsis* e a seção diagonal” –, Ana Laura Prates revisita o imaginário, inspirada pela obra do artista plástico Marcus Galan e apoia-se na afirmação lacaniana que diz: “o imaginário é uma *dit-mansion* tão importante quanto as outras”. Aproximando a obra artística da teoria psicanalítica, a autora faz um percurso desde o Estádio do Espelho, até a Teoria dos Nós, discutindo as noções de tempo e especialmente de espaço, chegando à conclusão de que “na experiência topológica de *Seção diagonal*, o que o artista põe em cena é o ‘espaço lacaniano’ não kantiano e suas propriedades”.

Em “Algumas posições do Príncipe Hamlet ante o desejo”, a autora tem por motivação pensar a que está submetida a “loucura” de Hamlet. Recorrendo à literatura clássica, Vanina Muraro escolhe este personagem de Shakespeare, para abordar a questão do desejo, evidenciando a relação do Príncipe com a morte e a procrastinação de seu ato, contrapondo-o à posição decidida de Antígona.

A seguir, Maria Lucia Araújo elege como objeto de sua pesquisa, a vida e a obra de André Gide, a partir do que irá se perguntar se e como a escrita do artista contribui para o entendimento dele próprio e para a psicanálise. A autora faz seu itinerário articulando “A letra e o desejo em André Gide”, título escolhido para seu ensaio.

Em “Joyce, o Sinthoma – uma leitura”, é a vez da obra do artista James Joyce que, a partir da leitura que Lacan faz de sua escrita, tanto tem ensinado aos analistas a respeito de como se articulam os significantes na linguagem do inconsciente. Assim é que Gláucia Nagen faz sua leitura do artigo em questão, destacando algumas passagens do texto joyciano para ressaltar a singularidade criativa de sua escrita, articulando-a com o conceito de alíngua, encontrado por Lacan no desenvolvimento de sua teoria.

Encerrando a seção Ensaios, encontramos um texto que foge à série que relaciona arte e psicanálise, o qual discute de maneira crítica os aspectos históricos, culturais e sociais da psicanálise lacaniana no Brasil. É dessa maneira que, no ensaio “Conflito entre psicanalistas e impasses fálicos da brasilidade”, os autores Christian Ingo Lenz Dunker e Fuad Kyrillos Neto apresentam, como o título mostra, uma leitura própria das rupturas e divergências comuns ao movimento psicanalítico, propondo como hipótese que “os conflitos e divisões entre psicanalistas podem ser remetidos a diferentes gramáticas fálicas presentes na brasilidade, particularmente, depois dos anos 1970”. É dentro dessa perspectiva que os autores vão examinar uma situação particular ocorrida na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, análise esta que não corresponde nem à interpretação de toda a comunidade da EPFCL – Brasil, nem em particular à leitura que fazem da mesma situação, alguns membros da equipe desta publicação. No entanto, respeitando o princípio de fazer valer a crítica assídua ao movimento psicanalítico e o de que opiniões discordantes possam coabitar numa mesma instituição de psicanálise enriquecendo seu debate sem necessariamente promover rupturas, é que acolhemos o referido texto em *Stylus*.

Abre a seção Trabalho crítico com conceitos, o texto de Cibele Barbará, “A verdade ou Testemunho”, em que acompanhamos, mais uma vez, a parceria entre psicanálise e literatura, para a autora estabelecer algumas relações entre os testemunhos literários e os testemunhos referentes à análise propriamente dita e ao passe, a partir do livro *A Escrita ou a Vida*, de Jorge Semprum.

No segundo artigo dessa seção – “Avatares do desejo no mundo capitalista: a

noção lacaniana de ‘latusa’ e sua relevância clínica” –, para pensar a situação do analista no mundo capitalista, Martin Alomo privilegia o conceito de *latusa*, especialmente trabalhado por Lacan no *Seminário O avesso da psicanálise*. Para isso, trilha um percurso que vai da demonstração do sujeito que advém do cogito cartesiano, a sua relação com o capitalismo tecnológico, numa perspectiva heideggeriana, até a discussão do conceito marxista de mais valia, a partir do qual Lacan fundamenta sua noção de mais-de-gozar.

Leandro Alves Rodrigues dos Santos, autor do artigo “O psicanalista e a errância de seu desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular...”, propõe, entre outras, uma discussão a respeito do desejo do analista e das vicissitudes da prática psicanalítica no mundo contemporâneo e se interroga a respeito dos efeitos do fazer psicanalítico na vida do psicanalista.

Concluindo essa seção, Andréa Hortélio Fernandes dedica-se a refletir sobre a posição do desejo do analista na prática com sujeitos que fracassam ao se inscreverem no discurso do Outro, assim como acontece no autismo, e desenvolve suas elaborações com base na experiência clínica a respeito do uso que os sujeitos autistas fazem desse operador clínico, desejo do analista.

Na seção Direção do tratamento, contamos com três artigos que trazem a relevância do desejo na clínica e demonstram, de certa maneira, como uma análise se aproxima da metonímia do desejo como expressão do inconsciente.

No primeiro texto dessa seção, Bela Malvina Szajdenfisz promove, mediante a teorização que realiza do caso clínico eleito para seu trabalho, uma aproximação entre a citação que faz Lacan, de autoria de Simone Weil, no *Seminário O desejo e sua interpretação* – “Se soubéssemos o que avarento encerra no seu cofre, saberíamos muito sobre seu desejo” –, com o qual intitula seu artigo, e a insistência do significante “avaro”, que faz enigma ao sujeito em análise. A autora privilegia os aspectos que concernem à relação da fantasia com o desejo e a função desejo do analista na direção do tratamento.

Em “A letra do desejo – um relato de um sonho”, Maria Vitória Bittencourt demonstra, ao trazer em seu comentário o texto do “Sonho do unicórnio”, de Leclair, e todo o desdobramento da cadeia significante que se constrói ao longo da análise, como é possível equivaler o trabalho analítico a uma prática da letra capaz de fazer surgir um significante de alíngua.

“Conflito ou autorrecriação? Questões sobre o desejo na neurose” é o artigo de Lenita Pacheco Lemos Duarte, que segue a trilha da teoria freudiana das neuroses, buscando, por meio de dois casos clínicos, distinguir a relação do sujeito com seu desejo em cada um dos tipos clínicos da neurose.

Na seção Resenha, Beatriz Oliveira se encarrega de expressar seus comentários a respeito de sua leitura do livro *Sua Majestade o autista: fascínio, intolerância e ex-*

*clusão no mundo contemporâneo*, de Luis Achilles Furtado, publicado em 2013, em que o autor apresenta sua tese de doutorado em Educação, produzindo uma contribuição de peso para as questões referentes à abordagem do autismo nos campos da educação, especialmente no que concerne à inclusão, e no campo da psicanálise.

Em *Stylus 28* e *Stylus 29*, pudemos contar, além da habitual contribuição dos colegas que enviam seus textos, com a dos parceiros, tradutores, revisores e também com a participação espontânea dos colegas do Campo Psicanalítico de Salvador, que se lançaram à tarefa de transcrição e parte do estabelecimento do texto e revisão das conferências de Soler, aos quais agradecemos a iniciativa.

A atual coordenação da Equipe de Publicação de *Stylus* conclui, com *Stylus 29*, seu trabalho de publicação desse importante meio de circulação dos textos da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano; por isso agradece também a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para o acontecimento dos quatro últimos números de *Stylus* que foram publicados ao longo de 2012 a 2014.

Desejamos que o presente número possa contribuir para os estudos e pesquisas dos leitores, a quem desejamos uma excelente experiência de leitura.

**Ida Freitas**